

Analisando as crenças e atitudes linguísticas de professores brasileiros de espanhol em formação inicial

Analyzing the linguistic beliefs and attitudes of Brazilian Spanish teachers in initial training

Cyndi Amanda Araújo de Souza¹
Aline Silva Gomes²

Resumo: Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística (GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004; MORENO FERNÁNDEZ, 2009) e nas contribuições da Linguística Aplicada (BARCELOS, 2001; AGUILERA, 2008), neste trabalho temos como objetivo principal analisar as concepções dos professores de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), em formação inicial, acerca das variedades linguísticas desse idioma. O estudo proposto é essencialmente qualitativo e de natureza interpretativista. Para desenvolvê-lo, investigamos 6 professores de ELE em formação inicial, matriculados em um curso de Licenciatura em Letras - Espanhol. Os dados do estudo foram gerados por meio de questionários e de entrevistas. Como resultado, observamos que os sujeitos investigados demonstram ter preferências por determinadas variedades da Língua Espanhola em detrimento de outras. Avaliamos, ainda, que os fatores que mais influenciaram as atitudes dos futuros professores de ELE foram os de natureza fonética e fonológica (prosódia), em especial, o tempo/a duração de elocução e o ritmo de fala dos locutores hispanofalantes. Entretanto, averiguamos que a frequência de voz não é um elemento que exerce grande interferência nas atitudes linguísticas dos estudantes investigados.

Palavras-chave: atitude linguística; língua espanhola; Sociolinguística; formação docente.

Abstract: Based on the theoretical assumptions of Sociolinguistics (GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004; MORENO FERNÁNDEZ, 2009) and on the contributions of Applied Linguistics (BARCELOS, 2001; AGUILERA, 2008), this study aims to analyze preservice Spanish as a Foreign Language (ELE) teacher's attitudes regarding Spanish language varieties. The study methodological design is qualitative and interpretive in nature. We investigated 6 ELE preservice teachers pursuing an undergraduate degree in Spanish at UNEB. The data were gathered through questionnaires and interviews. As a result, we observed that the investigated participants showed preferences towards specific varieties of the Spanish language to the detriment of others. We also concluded that prosody was the linguistic factor which most influenced future ELE teacher's linguistic attitudes speech rate and accent in particular. However, we found that the voice pitch is not a factor that exerted great influence on the participants' the linguistic attitudes regarding preferences for specific Spanish varieties.

Keywords: linguistic attitude; spanish language; Sociolinguistics; teacher training.

¹ Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas I, Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UNEB, Salvador, BA, Brasil. Endereço eletrônico: cyndiamanda@outlook.com.

² Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas I, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Salvador, BA, Brasil. Endereço eletrônico: asgomes@uneb.br.

Palavras iniciais

Neste texto, buscamos compartilhar os resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado *Atitudes Linguísticas de Estudantes e Futuros Professores com Relação às Variedades Diatópicas do Espanhol*. Neste projeto, que integra o Grupo de Investigação Letras Hispânicas em Foco — LEHISP, e está vinculado ao Curso de Licenciatura em Letras — Língua Espanhola e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), temos como propósito analisar a interpretação das atitudes de professores brasileiros de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), em formação inicial, com relação às variedades regionais.

O objetivo geral deste estudo é avaliar as concepções dos futuros professores brasileiros de ELE acerca da diversidade linguística desse idioma. Os objetivos específicos são: i) identificar as atitudes dos professores de Espanhol em formação inicial, com relação às variedades linguísticas, durante o processo de aprendizagem; ii) analisar os fatores que podem estar por detrás delas, facilitando-as, e se podem exercer influência (ou não) na formação desses aprendentes; e iii) comparar os achados deste estudo com os resultados observados em pesquisas anteriores.

As atitudes não se constituem em um novo objeto de pesquisa no campo das ciências humanas. Ao longo de décadas, disciplinas como a Sociologia e a Psicologia vêm se dedicando ao estudo do efeito das atitudes sobre a sociedade. (LAMBERT; LAMBERT, 1968). Dentre essas matérias, temos a Sociolinguística, que visa investigar as diferenças entre a forma como as pessoas usam a língua bem como suas crenças a respeito do comportamento linguístico dos outros falantes e de si próprio. Para a Sociolinguística, a importância do estudo das atitudes reside no fato de que elas, além de revelar diversos aspectos para um melhor entendimento de uma comunidade, influem nos processos de variação e de mudança linguística. Além disso, as atitudes afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra, assim como o ensino-aprendizagem de línguas em uma comunidade (GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004; MORENO FERNÁNDEZ, 2009).

O texto está estruturado em quatro seções. Nesta seção, *Palavras iniciais*, contextualizamos o trabalho proposto. Na segunda seção, *Atitude linguística*, apresentamos o conceito em questão bem como abordamos, brevemente, a relação entre atitudes, crenças e estereótipos. Na terceira seção, *Antecedentes sobre o tema*, discorreremos sobre diferentes pesquisas desenvolvidas no Brasil relacionadas ao tema proposto, ou seja, variedades linguísticas e ensino-aprendizagem de Espanhol. Na quarta seção, *Aspectos metodológicos e análise dos resultados*, descrevemos os procedimentos adotados neste estudo e, com base nos dados gerados, avaliamos as atitudes linguísticas dos informantes pesquisados. Por fim, nas

considerações finais, destacamos a necessidade de ampliação das pesquisas experimentais — no Brasil — acerca das variedades da Língua Espanhola e o processo de ensino e/ou aprendizagem. Ademais, sugerimos algumas propostas para futuras pesquisas sobre o tema.

Atitude linguística

A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, que se distingue por focar e se referir especificamente à língua e ao seu uso na sociedade. E, quando se fala em língua, inclui-se qualquer tipo de variedade linguística. Podemos afirmar que as atitudes linguísticas estão diretamente relacionadas com a identidade dos grupos que a utilizam; entende-se por identidade aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. (TABOURET-KELLER, 1997; MARTÍN ALCOFF; MENDIETA, 2003; OMONIYI; WHITE, 2006 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2009).

Aguilera (2008), em um trabalho anterior ao de Moreno Fernández (2009), compartilha posicionamento semelhante ao afirmar que

[...] um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008, p. 106).

Em outras palavras, para a autora, as atitudes linguísticas se manifestam ante um grupo ou indivíduos que fazem uso de alguma variedade, podendo ser positivas ou negativas. “Na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, buscando resguardar o sentimento de comunidade partilhado classificando o outro como diferente” (AGUILERA, 2008, p. 106). De acordo com Liebkind (1999), usar a língua influencia a formação da identidade de grupo que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e de uso linguísticos.

Em conformidade com Alvar (1975), Sabadin (2013, p. 58) destaca que “considerar o que possa ser Sociolinguística é, em primeiro lugar, abordar a questão do conceito de que o falante tem sua própria ferramenta linguística”. Em outras palavras, para a autora, as atitudes linguísticas partem do pressuposto que o falante tem da própria língua. Dessa forma, elas é que definem a escolha, a mudança, a variação e os padrões linguísticos.

As atitudes linguísticas são consideradas como manifestações de preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio dos falantes. Deste modo, é mais frequente que o indivíduo, diante de uma variedade linguística, considere-a como melhor ou mais atrativa que outras, em grupos sociais, que sejam mais prestigiosos e/ou mais poderosos socioeconomicamente.

Uma das bases em que as atitudes se assentam é na consciência linguística; os indivíduos têm a possibilidade de forjar atitudes, a fim de atender seus próprios interesses. Os usuários de uma língua compreendem que, em sua comunidade ou em outras, alguns usos linguísticos são comuns, que certos grupos utilizam determinada variedade e, portanto, têm a capacidade de escolher o que lhes convêm e o que considera mais adequado para cada contexto.

Segundo Moreno Fernández (2009), as atitudes envolvem diretamente a presença de vários elementos ou subcomponentes: uma valoração (componente afetivo), um saber ou crença (componente cognoscitivo) e uma conduta (componente conativo). Oppenheim (1992), citado por Corbari (2013), apresenta a mesma concepção, como podemos ver no seguinte trecho:

[...] atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e frequentemente atraem sentimentos fortes (o componente emocional) que podem levar a determinadas intenções comportamentais (o componente da tendência de ação). (OPPENHEIM, 1992, p. 175 *apud* CORBARI, 2013).

Em linhas gerais, há duas concepções acerca das atitudes: condutista e mentalista. A primeira interpreta a atitude como uma conduta, com uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou umas características sociolinguísticas determinadas; já a segunda concebe a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a determinadas condições - os fatos linguísticos concretos. Nesse sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre o estímulo e o comportamento ou a ação individual (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 181).

As atitudes são obtidas no processo de socialização, pois é em contato com a sociedade que os indivíduos estão abertos a expressarem o que pensam e a agirem da forma que lhes convém. Elas são, portanto, uma característica antes do grupo que do indivíduo e têm uma dupla função: permitir uma visão simplificada da realidade e contribuir para a formação da identidade individual e social (PUOLTATO, 2006 *apud* CORBARI, 2013). As atitudes representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e oferecem uma chave de leitura e de compreensão do próprio comportamento linguístico. As

atitudes linguísticas constituem uma categoria própria, dado que seu objeto de estudo não são as línguas, mas os grupos que a falam.

Embora esta pesquisa tenha como foco as atitudes, é pertinente destacar (ainda que de forma breve) a relação existente entre estas, as crenças e os estereótipos. De acordo com Labov (2008 [1972], p. 176), as crenças podem ser definidas como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem, que são partilhadas por quase todos os membros de comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”. Para o autor, na comunidade de fala, apesar de as pessoas compartilharem as mesmas normas linguísticas, elas não falam da mesma maneira; pelo contrário, com frequência, podemos encontrar formas linguísticas, em variação, que disputam umas com as outras na comunidade.

As crenças nem sempre vão interferir nas atitudes do indivíduo. Contudo, trabalhos como o de Barcelos (2001) têm comprovado que, algumas vezes, elas se correspondem quando expressam opiniões, gostos, preferências e também as escolhas feitas pelos usuários da língua em determinada situação. A atitude linguística de um indivíduo é a junção de suas crenças, conhecimentos, afetos e comportamentos. Dessa forma, as crenças e as atitudes estão interligadas, pois as ações são resultado das crenças. Toda ação gera uma reação e, nesse movimento de ir e vir, elas se inter-relacionam (BARCELOS, 2001; AGUILERA, 2008). Em resumo, as crenças que um falante tem de sua própria língua, isto é, se ele a considera apropriada ou não perante outras variedades, fará com que ele a utilize e, de certa maneira, propague sua forma de falar.

Leite (2011), em seu texto, menciona que a Sociolinguística é um campo de estudo que também lida com preconceito e com estereótipos linguísticos, sendo este último o conceito mais importante na opinião dos estudiosos da área. A autora explica que atitudes e estereótipos são conceitos diferentes, mas que estão inter-relacionados. O estereótipo é um dos componentes da atitude e “a formação das atitudes é precedida pelo processo de informações, ou seja, uma atitude pessoal em relação a um objeto é baseada em suas crenças a respeito desse objeto” (LEITE, 2011, p. 93).

Em conformidade com Lippmann (2008), Leite (2011) explica que os estereótipos são valorativos, geram expectativas e são uma espécie de sistema mental denominado como *imagens de nossas mentes*. Sendo assim, presume-se que o que cada indivíduo faz está fundamentado em imagens criadas por ele mesmo ou transmitidas por ele, não em conhecimento direto e determinado. Essas imagens têm um papel crucial nas relações entre os indivíduos na sociedade porque são elas que irão definir o que eles farão, mas não aquilo que irão alcançar. Mais adiante, Leite (2011, p. 94) explica que

[...] as imagens estereotipadas poupam tempo e funcionam como uma defesa dos homens em sociedade na medida em que elas tendem a preservá-lo do efeito desconcertante de, verdadeiramente, ver o mundo e compreendê-lo de forma mais ampla. Essas imagens que medeiam a relação com o real são, portanto, representações cristalizadas através das quais cada um filtra a realidade que o envolve. Apesar de serem fatídicas, não podem ser classificadas como falsas, uma vez que expressam um imaginário social.

Outras pesquisas estabelecem estereótipos como crenças, avaliações ou sistemas conceituais. Segundo Leite (2011), Quasthoff (1987) afirma que os estereótipos são categorias que generalizam e simplificam, opõem-se aos fatos ou não abarcam vários *núcleos de verdade*, são emocionalmente avaliativos, persistentes e rígidos, isto é, são resistentes à mudança, tanto individuais quanto em sociedade.

Os estereótipos cooperam para a integração social do indivíduo, ainda que de forma indireta. Isso sucede quando existe adesão a uma opinião determinada ou a um pensamento compartilhado e existe a identificação a uma comunidade, assumindo seus paradigmas tipificados. Ao comportar-se dessa forma, o indivíduo substitui sua própria avaliação por aquela que é legitimada pelo grupo ao qual almeja fazer parte. Em compensação, pleiteia, implicitamente, a admissão de sua pertença. Em resumo, “os estereótipos cumprem, portanto, um papel importante na vida social” (LEITE, 2011, p.96).

Em seguida, apresentamos diferentes pesquisas já desenvolvidas acerca da diversidade linguística e do ensino-aprendizagem de Espanhol no contexto brasileiro.

Antecedentes sobre o tema

Investigadores, em diversos contextos, têm colaborado no sentido de ampliar, cada vez mais, as pesquisas sobre a variação linguística. No Brasil, diferentes estudos têm contribuído para o avanço na área, ao desenvolver trabalhos que abordam o tema e a sua importância dentro do processo de ensino e aprendizagem de Espanhol.

García Murga (2007), em sua pesquisa, analisa e interpreta as atitudes de estudantes brasileiros ingressos no curso de Letras/Espanhol, da Universidade de Brasília (UNB), em relação às variedades diatópicas do Espanhol, bem como fatores subjacentes. Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa, no qual os dados foram gerados por meio da aplicação de três questionários e de uma entrevista realizada com 22 alunos, com idades entre 18 e 35 anos. Segundo a autora, a gravação das entrevistas lhe permitiu analisar o componente cognitivo das atitudes e identificar alguns dos fatores envolvidos em sua formação.

Os resultados da pesquisa de García Murga (2007) demonstraram que as atitudes dos estudantes revelam preferências pelos falantes de variedades peninsulares (Madri e Sevilla), e que essa tendência está relacionada com a dimensão avaliativa de *status*. Essas atitudes correspondem às crenças associadas à correção ou à *superioridade* linguística dessas variedades. Por outro lado, a preferência dos estudantes investigados pelo falante da variedade mexicana estava atrelada à dimensão avaliativa de solidariedade. Entretanto, García Murga (2007) observou, nos informantes analisados, atitudes pouco favoráveis aos falantes das variedades argentina (rio-platense), chilena e cubana (caribenha); no que se referem à primeira variedade, os estudantes demonstraram percepções estereotipadas. Já perante os falantes das variedades cubana (caribenha) e chilena, os sujeitos informantes não demonstraram uma atitude positiva devido à dificuldade de compreensão do discurso oral. Em resumo, os fatores que influenciaram as atitudes dos estudantes são tanto de natureza linguística quanto extralinguística.

Aquino e Zambrano (2018), em seu trabalho, investigam como a interculturalidade e as variedades linguísticas do Espanhol são abordadas em uma escola municipal localizada na cidade de Pacaraima/Roraima. Para tal, as autoras avaliaram a própria prática de ensino de línguas estrangeiras. Os dados da pesquisa foram gerados por meio de entrevistas realizadas com alunos estrangeiros, matriculados nos últimos três anos do Ensino Médio, e também com a professora de Espanhol da instituição (de nacionalidade venezuelana). Realizaram-se, ainda, observações de aulas e do contexto escolar. Como resultado, Aquino e Zambrano (2018) constataram que a professora de Língua Espanhola não tinha o costume de desenvolver práticas pedagógicas ou projetos direcionados ao intercâmbio cultural. As autoras também notaram que ainda prevalece, na prática da docente entrevistada, a ênfase em conteúdos gramaticais que não coincidem com o contexto nem com o interesse dos alunos. Para Aquino e Zambrano (2018), o ensino da Língua Espanhola, na escola investigada, concede prestígio à variedade peninsular (madrilenha). Como consequência, o foco dado a esta variedade torna o processo de ensino-aprendizagem da língua-alvo cansativo e entediante para os estudantes e para a própria docente.

Alberti (2018), em sua dissertação de mestrado, analisa e discute como se efetiva o ensino de Língua Espanhola com enfoque nas variações linguísticas e nas múltiplas identidades culturais e sociais dos povos hispano-falantes. Ademais, a autora avalia as situações que perpassam a *práxis* educativa do idioma em questão. Neste trabalho, tem-se como foco de pesquisa professores de Espanhol que atuam em escolas públicas e privadas, de Ensino Fundamental e Médio, da cidade de Ponta Grossa/PR, além de docentes que ministram

aulas no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas dessa localidade. Para gerar os dados do estudo, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, as quais foram analisadas com base na perspectiva da Sociolinguística. Para responder às perguntas da pesquisa, considerou-se, como fatores extralinguísticos, a idade dos professores, o tempo de atuação no magistério e a rede de ensino em que eles atuavam — pública ou privada.

Os resultados do estudo de Alberti (2018) apontaram que os professores valorizam a variação linguística do Espanhol. Entretanto, devido a diferentes fatores, como as políticas linguísticas atuais (que trazem insatisfação e insegurança), o número de aulas reduzido e o desinteresse dos alunos, nem todos os docentes atuavam do modo que supostamente acreditavam. Os achados da pesquisa não revelaram diferenças marcantes entre o trabalho dos profissionais que atuam na escola pública e o trabalho dos professores que exerciam a sua prática na escola privada, no que se refere ao tema de estudo.

Mendes e Oliveira (2019) desenvolvem um estudo que têm como objetivo investigar as ideologias linguísticas existentes a respeito das variedades do Espanhol, observando como essas ideologias se relacionam com as políticas linguísticas, dentro da sala de aula de língua estrangeira. A pesquisa foi dividida em três etapas: na primeira, formulou-se um questionário com 10 questões abertas, que serviram como roteiro para realizar as entrevistas orais dos informantes; na segunda, selecionaram-se três estudantes voluntários, matriculados no curso de Letras/Espanhol, da Universidade Federal de Santa Catarina, que tinham cursado o nível mais avançado do idioma; na terceira (e última) etapa, realizaram-se entrevistas individuais, as quais foram gravadas e transcritas posteriormente.

Como resultado, Mendes e Oliveira (2019) verificaram que os professores de Espanhol em formação inicial têm concepções a respeito do ensino do idioma que não refletem as políticas linguísticas executadas pela Espanha. Em outras palavras, não se identificou, neste estudo de caso, uma preponderância da ideia de que a variedade do Espanhol europeu (madrilenha) é *superior* ou mais adequada para o ensino. No entanto, os autores postulam a necessidade de realização de futuras pesquisas envolvendo um maior número de informantes, a fim de trazer mais evidências de que o ensino de Espanhol, na universidade, pode dar voz às inúmeras variedades que compõem essa língua. Nesse sentido, o papel das políticas linguísticas poderá ser mais evidente.

Melo e Ferrari (2020), em seu artigo, analisam a diversidade da Língua Espanhola na cidade de Guayaramerín (fronteira do Brasil com a Bolívia) e suas implicações para o ensino e aprendizagem desse idioma, como segunda língua, na região. Nesta pesquisa, as autoras pretendem fomentar, entre os estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, do

Instituto Federal de Rondônia (IFRO) - Guajará-Mirim, o conhecimento da variedade linguística do Espanhol, visando à valorização do idioma na localidade.

O texto de Melo e Ferrari (2020) parte do pressuposto de que os estudantes participantes da pesquisa, mesmo habitando em região de fronteira com a Bolívia, não demonstravam interesse em relação à Língua Espanhola. Assim, as autoras analisaram se existia uma relação entre o comportamento dos alunos e o uso da variação linguística nas aulas de Espanhol. A pesquisa se desenvolveu com base na abordagem qualitativa e adotou o método indutivo. Os dados foram gerados por meio de questionários e de rodas de conversas. Para tal, aplicaram-se os instrumentos de coleta de informações a 40 alunos descendentes de bolivianos (em sua maioria), devidamente matriculados na disciplina de Língua Espanhola, com o objetivo de avaliar sua visão em relação à língua-alvo, bem como o seu nível de contato com ela. As rodas de conversa foram promovidas em dois momentos da pesquisa, a fim de se alcançar uma melhor compreensão dos dados. Como resultado, o estudo de Melo e Ferrari (2020) aponta que há consenso quanto à presença de variação linguística na fronteira de Guajará-Mirim e Guayaramerín. Em linhas gerais, a pesquisa contribuiu para a formação dos estudantes, no sentido de ajudá-los a perceber e a demonstrar maior sentimento de pertencimento à comunidade de fala após as aulas. Ademais, colaborou para fomentar o fortalecimento da identidade dos discentes. De modo geral, podemos observar nos estudos mencionados a relação entre atitudes, crenças e estereótipos. Na seção seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos e os resultados alcançados durante a pesquisa.

Aspectos metodológicos e análise dos resultados

Esta pesquisa estabelece uma interface entre a Sociolinguística (que incorpora o estudo de atitudes e crenças) e a Linguística Aplicada, constrói-se com base na abordagem qualitativa e envolve a abordagem etnográfica (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; CANÇADO, 1994; OLIVEIRA, 1997; BORTONI-RICARDO, 2008). O estudo foi desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus I*, localizada na cidade de Salvador/Bahia. Para realizá-lo, contamos com a participação de 6 estudantes de nível intermediário de Espanhol, matriculados no Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola e Literaturas, com faixa etária de 16 a 25 anos. A fim de preservar a identidade do grupo pesquisado, identificamos os participantes dando-lhes os seguintes nomes fictícios: Rosario, Tijuana, Mendonza, Soledad, Morelia e Mérida.

Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário composto por 8 perguntas abertas e 10 fechadas, bem como 2 atividades de compreensão oral. Para elaborá-lo, adotamos o método *verbal-guise test*³ adaptado de Agheyisi e Fishman (1970). As tarefas propostas no questionário foram elaboradas com base em áudios de quatro falantes de espanhol como língua materna, do gênero masculino, procedentes dos seguintes países: Argentina, México, Espanha e Colômbia. No que tange ao conteúdo dos áudios, todos os locutores narraram sobre sua rotina diária durante a pandemia da Covid-19.

Para esta pesquisa, também geramos dados por meio de entrevistas realizadas na Plataforma *Zoom*, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas grafematicamente. Durante as interlocuções, realizamos perguntas com o objetivo de avaliar se os licenciandos tinham preferência por alguma variedade da Língua Espanhola, assim como identificar se havia alguma que eles não gostavam ou não se identificavam. Para analisar as informações coletadas, adotamos o processo de triangulação (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; GIL, 1999).

Neste trabalho, estabelecemos três categorias de análise, a saber: a primeira — Tempo/Duração —, em que procuramos identificar as atitudes dos futuros professores de Espanhol em relação à velocidade de elocução dos falantes; a segunda — Ritmo (Acento/Sotaque) —, em que buscamos analisar as atitudes dos sujeitos investigados, tendo em vista os sotaques de cada falante nativo de diferentes regiões de Língua Espanhola; e a terceira — Frequência —, em que procuramos investigar as atitudes dos participantes acerca dos tons de voz dos áudios escutados, ou seja, buscamos observar qual(is) sotaque(s) os estudantes achavam mais forte(s) e/ou que mais se destacavam. Nos próximos parágrafos, apresentamos análise e interpretação dos resultados.

Perguntamos aos participantes do estudo que forma de falar eles achavam mais bonita e menos bonita, que sotaque eles julgavam mais forte ou menos forte, que pronúncia lhes parecia mais elegante e menos elegante, e que voz lhes parecia mais fluida (clara) e menos fluida. Pedimos-lhes, ainda, que justificassem suas respostas.

O fenômeno mais abordado pelos participantes, nos questionários, foi a rapidez da elocução, bem como as pausas realizadas na produção oral dos locutores (tempo/duração da produção oral dos locutores). Segundo Gil (2007, p. 548), “velocidade de elocução é o número de elementos fônicos (sons e pausas) pronunciados em uma determinada unidade de tempo”. Sendo assim, o objetivo era saber quais as atitudes dos professores de ELE em

³ Trata-se de uma técnica por meio da qual se apresenta aos participantes da pesquisa gravações em áudio pertencentes a falantes de diferentes variedades regionais de uma determinada língua, a fim de que eles atribuam valores e emitam suas opiniões.

formação inicial, diante do que compreendiam (ou não) dos áudios que escutavam. Em seguida, apresentamos algumas respostas mencionadas, de acordo com este quesito:

Excerto 1: O falante falava muito rápido. (ROSARIO, questionário);

Excerto 2: Muitas pausas; foi um áudio cansativo (MORELIA, questionário);

Excerto 3: A maneira mais pausada de falar tornou o idioma mais claro (TIJUANA, questionário);

Excerto 4: Por conta das paradas pra pensar às vezes (MENDONZA);

Excerto 5: Porque foi a fala que teve menos interrupções ou parada (SOLEIDAD, questionário);

Excerto 6: Porque, no início do áudio, o falante fala muito devagar e com muitas paradas (SOLEIDAD, questionário);

Excerto 7: Em alguns momentos, ele fala rápido (MÉRIDA, questionário).

Ao analisar as declarações referidas anteriormente, percebemos que, para Soledad, falar com poucas interrupções é um elemento positivo. Entretanto, para outros sujeitos investigados, como Morelia, Mendonza e Soledad, a fala com pausas excessivas é um fator que desperta atitudes negativas. Observamos que, para alguns informantes, como Morelia, a fala com pausas torna a comunicação cansativa, mas, para Tijuana, ela se torna mais inteligível. Já para Rosario e Mérida, a fala muito rápida compromete a compreensão. Em resumo, as falas dos locutores de Espanhol como língua materna que mais despertaram atitudes positivas nos participantes da pesquisa foram as que possuíam tempo/duração que, em sua visão, contribuía para compreender a informação com clareza.

Os participantes do estudo deixaram claras suas preferências quando responderam sobre as variedades que eles mais gostavam (ou menos gostavam) ou se identificavam (ou não). Avaliamos que as respostas fornecidas fazem menção ao ritmo (acento/sotaque) da produção oral dos locutores. De acordo com Oliveira Ramos (2008, p. 24), ritmo “consiste na recorrência dos acentos ao longo do enunciado”.

Mérida, por exemplo, explica que gosta de um acento quando ela consegue reconhecer o país de origem do hispano-falante, isto é, quando o sotaque é forte, conforme podemos ler no seguinte trecho:

Excerto 8: Um acento forte... Eu diria bem que tem em alguns países que têm a marca... Uma... marca, assim, bem...diferente; por exemplo, Argentina.

Espanha, também **eu acredito que tenha um acento forte**, porque dá pra identificar o país. Acho que quando você tem como identificar, assim, de onde é a pessoa, **ela tem um acento forte** (MÉRIDA, entrevista, grifo nosso).

Tijuana acredita que uma variedade compreensível da Língua Espanhola pode contribuir para o aprimoramento de sua expressão oral. Como exemplo, a informante menciona que não tem apreço e não se sente confortável com o Espanhol rio-pratense, devido a certos traços característicos dessa variedade, como o *yeísmo rehilado*⁴, conforme podemos ler no seguinte excerto:

Excerto 9: Eu acho que uma variedade mais fácil de entender, é mais fácil de falar também. E... é porque o...o espanhol da... Argentina, geralmente, fala '*llamada*' (com chiado), essas coisas, assim, entendeu? Eu não gosto, não me sinto confortável. (TIJUANA, entrevista).

Já Mendonza, durante a entrevista, justifica sua preferência pelo Espanhol rio-platense e caribenho. O informante gosta e se identifica com essas variedades, principalmente pelo ritmo e pela velocidade de elocução. Ele demonstra apreço pela fala caribenha, devido a alguns fenômenos fonéticos presentes no idioma falado nessa região, no âmbito segmental (tendência à aspiração e pronúncia [l] de <r>) e suprasegmental, como podemos ver neste fragmento:

Excerto 10: A... a Rio-Platense pelo...é.. como fala? **Pelo ritmo da fala**, prosódia que fala né? Quando.... ah.... tipo, **o sotaque**, mesmo, ou a velocidade.. assim, eu acho um pouco parecido com a nossa, e eu gosto mais. E a... a de lá do Caribe, porque...assim, algumas transformações, tipo....o 'R' é diferente; às vezes vira 'L', também. Acho muito bonito, também, a questão da... desta... da mesma coisa da... rio-platense, que é a tonada... Essa coisa da prosódia, eu acho que é assim (MENDONZA, entrevista, grifo nosso).

Morelia justifica a sua preferência pelo Espanhol argentino e mexicano pelo seu nível de compreensão. Apesar de gostar das duas variedades e achar o sotaque de ambas bonitas, ela afirma que a mexicana é mais clara, como podemos ler no excerto 11:

Excerto 11: Eu acho que o **sotaque** argentino é bem bonito, mas, o mexicano, eu acho que ele é mais claro, não sei... Eu entendo melhor (MORELIA, entrevista, grifo nosso).

⁴ É uma característica do *yeísmo* no Espanhol rio-platense, em que há uma estridente pronúncia das letras y e ll, que são produzidas com um som similar ao j ou, às vezes, ao ch da língua portuguesa.

Por último, Rosario explica que, em função de sua proximidade com imigrantes argentinos, ela optou por essa variedade porque já era um sotaque conhecido e de fácil adaptação para ela, ao contrário da variedade espanhola, que lhe causa estranheza, como podemos ler no seguinte fragmento:

Excerto 12: Já tinha contato com pessoas da Argentina que moravam aqui no meu bairro, então... Como a pessoa, mesmo morando aqui há anos, continua com sotaque, então, quando entrei na faculdade, foi mais...foi um...foi **um acento mais fácil de eu me adaptar**, enquanto que o da Espanha, por exemplo, eu já...não é que eu não acho fácil; acho meio estranho falar como o pessoal da Espanha. (ROSARIO, entrevista, grifo nosso).

Em resumo, com base neste estudo, avaliamos que as variedades de Língua Espanhola que mais despertaram atitudes positivas nos participantes são as que possuíam um ritmo/sotaque que eles conseguem reconhecer e que contribuíam como fonte de *input* para o aperfeiçoamento da habilidade de expressão oral na língua-alvo. A maioria dos sujeitos entrevistados apontou o Espanhol rio-platense, representado pela Argentina.

No que tange à frequência de voz dos locutores, avaliamos que os participantes do estudo não deram uma ênfase ampla neste quesito, tanto nos questionários quanto nas entrevistas. Conforme Lahoz (2007, p. 94), a frequência corresponde ao “número de vibrações, por segundo, das cordas vocais e está associada com o tom mais grave ou mais agudo de um som”.

Nas respostas do questionário, especificamente na pergunta sobre o sotaque que eles achavam mais forte, os estudantes fizeram referência ao tom grave ou agudo das vozes dos falantes. Rosario, por exemplo, avalia que o sotaque do locutor é forte por causa da intensidade da voz; já Tijuana acredita que é por conta do timbre. Rosario, durante a entrevista, associa a frequência de voz a uma variedade da Língua Espanhola em particular, isto é, a mexicana, como podemos ler no seguinte trecho:

Excerto 13: Eu acho que é... a voz da pessoa como... como parece diferente por exemplo, quando eu ouço algum mexicano falando, **me parece sempre que a voz deles ficam finas pela pronúncia que eles... pronunciam a palavra**. Então, **parece que a voz sempre é mais fina**. Por exemplo, eu nunca vi um mexicano que tenha uma voz mais grossa e eu acho que isso decorre por causa da língua, por causa da pronúncia. Então, eu sempre presto atenção nessa questão... de como uma voz parece diferente. (ROSARIO, entrevista, grifo nosso).

Em outras palavras, para Rosario, um dos aspectos que mais lhe chama a atenção, ao escutar os falantes de Espanhol como língua materna (neste caso, os mexicanos), é a frequência da voz. Para a informante, os falantes dessa variedade — em geral — apresentam vozes finas (agudas). Neste caso, acreditamos que a avaliação de Rosario está baseada em uma crença que ela construiu em relação a essa variedade. No que tange à categoria frequência, supomos que não foi possível avaliar, com mais detalhe, as atitudes linguísticas dos informantes deste estudo, porque os instrumentos utilizados (os áudios) eram apenas de locutores masculinos.

Nesta pesquisa, durante as entrevistas, perguntamos aos futuros professores de Espanhol se gostavam de alguma variedade do idioma e se não apreciavam alguma, em especial. Tijuana, Mendonza e Mérida afirmaram não gostar das variedades argentina, mexicana e espanhola, respectivamente. Percebemos na fala de Tijuana, por exemplo, certa subjetividade na fundamentação de suas justificativas, uma vez que ela afirma não gostar ou não se sentir confortável com a pronúncia rio-platense, porque ela, em sua visão, é muito marcada. Rosario não se identifica com a variedade espanhola, pelo fato de esta ser de difícil compreensão, por não ter proximidade e por achar *estranho* como as pessoas dessa região falam. Soledad, apesar de optar pela variedade colombiana, afirma gostar de todas, sem exceção.

Após a análise das informações geradas para esta pesquisa, (por meio de questionários e entrevistas), tecemos em seguida algumas reflexões sobre o tema proposto, considerando o referencial teórico que o fundamenta. Segundo Moreno Fernández (2009), dentro de uma perspectiva mentalista (adotada neste estudo), as atitudes linguísticas envolvem diretamente a presença de três elementos nas respostas dos participantes. De acordo com Aguilera (2008), as atitudes linguísticas se manifestam em um grupo ou indivíduos que fazem uso de alguma variedade, podendo ser positivas ou negativas. Neste estudo, observamos que todos os sujeitos participantes expuseram suas preferências em relação às variedades da Língua Espanhola, demonstrando atitudes positivas e negativas.

No que diz respeito ao componente afetivo, todos os informantes elegeram as variedades por gosto pessoal e por se sentirem bem. Rosario e Soledad, por exemplo, optaram pelas variedades rio-platense e andina, respectivamente, por questão de predileção e também por se identificar com esses falares. Elas têm aproximação com falantes de Espanhol como língua materna dessas regiões, o que comprova, de certo modo, a tendência do indivíduo em procurar pertencer a um grupo com o qual ele se identifique. Referente ao componente cognoscitivo, observamos que Rosario — conforme explicamos anteriormente — possui uma

crença em relação à variedade mexicana, uma vez que acredita que todos mexicanos têm a voz fina. A conduta de cada um dos investigados é a junção de sua valoração e de sua crença acerca de determinadas variedades. Em consequência, podemos notar tanto atitudes positivas quanto negativas.

Sabemos, também, que as atitudes linguísticas são consideradas como manifestação de preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio dos falantes. No entanto, nesta pesquisa, percebemos que estes aspectos não influenciaram as escolhas dos participantes. Por exemplo, Mendonza elegeu as variedades rio-platense e caribenha como as de sua preferência, posto que ele não gosta e não se identifica com variedades mexicana e espanhola, que são consideradas como padrão. Deste modo, o que influenciou a sua atitude não foi a variedade apontada como a melhor ou mais atrativa do ponto de vista socioeconômico, mas sim o contrário.

A atitude linguística de um indivíduo é a junção de suas crenças, conhecimentos, afetos e comportamentos. Neste estudo, 3 informantes manifestaram — em alguns momentos — atitudes negativas em relação ao falar argentino e 3 afirmaram não apreciar a variedade espanhola, especialmente devido às características fonéticas presentes nessas variedades, tais como o *yeísmo rehilado* (típico do Espanhol rio-platense) e o som fricativo interdental⁵ (característico do Espanhol peninsular). Deste modo, pudemos inferir que os sujeitos pesquisados tinham conhecimentos das particularidades próprias dessas variedades, nutriram um sentimento negativo e demonstram, assim, uma opinião de que as falas dessas pessoas lhes são estranhas, classificando-as como diferentes.

Ao comparar os resultados observados nesta pesquisa com algumas pesquisas descritas na seção três, identificamos semelhanças e diferenças. O estudo realizado por Mendes e Oliveira (2019) não identificou uma preponderância da ideia de que a variedade do Espanhol europeu é *superior* ou mais adequada para o ensino. Deste modo, o resultado se assemelha aos achados deste estudo.

Os resultados da pesquisa de Melo e Ferrari (2020) apontam que há consenso quanto à presença de variação linguística na fronteira de Guajará-Mirim e Guayaramerín. A investigação contribuiu para a formação dos estudantes, no sentido de ajudá-los a perceber e a demonstrar maior sentimento de pertencimento à comunidade de fala após as aulas. Assim, esta pesquisa também se assemelha à nossa, no sentido de que contribuiu para que os sujeitos

⁵ Fenômeno linguístico em que os fonemas representados pelas grafias *c*, antes das vogais /e/ e /i/ e *z*, antes das vogais /a/, /o/, /u/, tornam-se equivalentes; característica fonética do Espanhol peninsular.

participantes tivessem oportunidade de tecer reflexões acerca da diversidade linguística do Espanhol. O trabalho proposto por Aquino e Zambrano (2018) e Alberti (2018) se difere do nosso, no que tange aos resultados: no primeiro, observa-se o prestígio da variedade peninsular, apesar dos sujeitos investigados serem venezuelanos. No segundo, os informantes valorizam as variedades linguísticas; entretanto, em função de diferentes fatores, nem todos atuavam como acreditavam.

Considerações finais

Conforme mencionamos na introdução, o objetivo geral desta pesquisa foi avaliar as concepções dos futuros professores brasileiros de ELE acerca das variedades regionais deste idioma. Os objetivos específicos foram verificar as atitudes dos licenciandos em relação às variedades linguísticas durante o processo de aprendizagem; examinar os fatores que podem estar relacionadas a elas, favorecendo-as, e se podem exercer influência (ou não) na formação desses aprendentes; e comparar os resultados deste trabalho com os observados em investigações anteriores.

Durante a pesquisa, observamos que pesquisas experimentais sobre a diversidade da Língua Espanhola ainda são escassas no contexto brasileiro. Outro aspecto que nos chamou a atenção é que a maior parte dos estudos propostos concentra seu interesse no ensino da variação linguística do Espanhol, enquanto a aprendizagem da variação permanece em segundo plano.

Não podemos deixar de sugerir, neste trabalho, algumas recomendações para futuras pesquisas. Acreditamos que o tema abordado pode ser investigado considerando outros públicos-alvo e em diferentes contextos: alunos de ensino básico, de cursos de idiomas, ou professores em serviço. Outra sugestão é realizar estudos longitudinais, nos quais um grupo é pesquisado em dois momentos temporais diferentes, a fim de analisar as atitudes dos aprendentes brasileiros de ELE ao longo do tempo.

A respeito das possíveis conclusões que esta pesquisa pode conduzir, é importante ressaltar que o universo da atuação deste estudo se restringiu a 6 futuros professores brasileiros de ELE. Dessa maneira, o grau de generalização das considerações que são expostas aqui são, de certa forma, modestas e até mesmo restritas. Entretanto, esperamos que esta pesquisa, de alguma maneira, venha a contribuir para os estudos na área de ensino-aprendizagem de ELE no Brasil.

Referências

- AGHEYISI, R.; FISHMAN, J. A. **Language attitude studies: A brief survey of methodological approaches.** *Anthropological Linguistics*, v 12(5), 1970, p. 135-157.
- AGUILERA, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.** *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- ALBERTI, R. J. S. **A variação linguística no ensino do espanhol como língua estrangeira moderna: um estudo de caso na cidade de Ponta Grossa.** 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de concentração – Pluralidade Linguística, Identidade e Ensino), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.
- ALVAR, M. **Actitud del hablante y sociolingüística. Teoría lingüística de las regiones.** Barcelona: Planeta, 1975, 93-114.
- AQUINO, G. C. M; ZAMBRANO, C. E. G. **Interculturalidade e variações linguísticas do espanhol em uma escola da fronteira Brasil/Venezuela.** *Revista EntreLínguas*, Araraquara, v.4, n.1, p. 97-113, jan./jun., 2018. DOI: 10.29051/rel.v4.n1.2018.11175. Disponível em: <https://doi.org/10.29051/rel.v4.n1.2018.11175>. Acesso em: 04 set. 2020.
- BARCELOS, A. M. **Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte.** *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares.** Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2008.
- CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 23, p. 55-69, IEL/UNICAMP, Campinas, jan./jun. 1994.
- CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do sudoeste.** 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- GARCÍA MURGA. M. H. B. **As atitudes de estudantes de E/LE com relação às variedades diatópicas do Espanhol.** 2007. 107 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Brasília, 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3019/1/2007_MariaHortensiaBlancoGarciaMurga.PDF. Acesso em: 04 set. 2020.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, J. **Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica.** Ed: Arco/Libros. 2007.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: **CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL**, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. Actas..., Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2. p. 1027-1042.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAHOZ, J. La enseñanza de la entonación, el ritmo y el tempo. In: Gil, Juana (Ed.). **Aproximación a la enseñanza de la pronunciación en el aula de español**. Madrid: Edinumen, p. 93-132.2012.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEITE, C. M.B. **Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos**. Estudos da Língua (gem), 2011, v. 9, p. 71-90.

LIEBKIND, K. Social psychology. In: FISHMAN, J. A. (ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999, p. 140-151.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELO, S. B.; FERRARI, S. A. F. L. Variações linguísticas no processo de ensino-aprendizagem da língua espanhola na fronteira Brasil-Bolívia. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, Rondônia, v. 4, n° especial, p.102-121, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36524/profept.v4iEspecial.636>. Acesso em: 04 set. 2020.

MENDES, J. C.; OLIVEIRA, G. M. Variedades linguísticas do espanhol na sala de aula de língua estrangeira: a relação entre ideologias e políticas linguísticas. **Revista Inteseções**, Santa Catarina, v.12, n.27, p. 391-410, maio. 2019.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Ariel, 2009.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira.1997.

OLIVEIRA RAMOS, A. M. **El acento, el ritmo y la entonación en la enseñanza del español como LE**. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/saopaulo_2008/02_ramos.pdf. Acesso em: 05 mar. 2021.

SABADIN, M. N. **Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Sobre as autoras

Cyndi Amanda Araújo de Souza (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5320-6761>)

Licenciada em Letras - Língua Espanhola e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ex-discente do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UNEB.

Aline Silva Gomes (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7018-5993>)

Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche na Universidade de Alcalá (Espanha) financiado pela CAPES. Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Licenciada e Bacharel em Língua Estrangeira Moderna/Espanhol também pela UFBA. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens e do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Espanhola e Literaturas da UNEB.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.